

A INCLUSÃO ESCOLAR DO AUTISTA POR MEIO DAS METODOLOGIAS ATIVAS

SCHOOL INCLUSION OF AUTISTIC CHILDREN THROUGH ACTIVE METHODOLOGIES

LA INCLUSIÓN ESCOLAR DEL AUTISTA POR MEDIO DE LAS METODOLOGÍAS ACTIVAS

Leonardo Nunes Camargo¹
Suély Cristina de Lima da Silva Camargo²

Resumo

O objetivo desse trabalho é analisar a necessidade e urgência de inserir no ambiente educacional certas práticas formativas que ajudem na inclusão escolar do sujeito com autismo através do uso das metodologias ativas. Para isso, apresentaremos o que são e como as metodologias ativas tendem a contribuir para a formação psicossocial do indivíduo que sofre de autismo, melhorando a sua qualidade de vida e interação social e escolar. Em um segundo momento, será necessário entendermos alguns princípios básicos do autismo, a fim de superar certos preconceitos que a população carrega em relação a esse transtorno; também apontaremos brevemente onde as metodologias ativas tendem a influenciar e favorecer a formação educacional e social do autista. Nossa questão fundamental é: podemos aperfeiçoar a inclusão escolar e, conseqüentemente, fortalecer os vínculos sociais do autista por meio do uso de metodologias ativas?

Palavras-chave: Inclusão escolar. Autismo. Metodologias ativas. Interação social.

Abstract

The objective of this work is to analyze the need and urgency to insert in the educational environment certain training practices that help in the school inclusion of the subject with autism through the use of active methodologies. Thus, we will present what they are and how active methodologies tend to contribute to the psychosocial formation of the individual suffering from autism, improving their quality of life and social and school interaction. In a second step, it will be necessary to understand some basic principles of autism, in order to overcome certain prejudices that the population has in relation to this disorder; we will also briefly point out where active methodologies tend to influence and favor the educational and social formation of the autistic person. Our fundamental question is: can we improve school inclusion and, consequently, strengthen the autism's social bonds through the use of active methodologies?

Keywords: School inclusion. Autism. Active methodologies. Social interaction

Resumen

El objetivo de este trabajo es analizar la necesidad y la urgencia de incorporar al ambiente de la escuela ciertas prácticas formativas que faciliten la inclusión escolar del individuo con autismo por medio de las metodologías activas. Para ello, hablaremos sobre las metodologías activas y como ellas tienden a contribuir con la formación psicossocial de la persona que sufre de autismo, mejorando su calidad de vida y su interacción social y escolar. En segundo lugar, será necesario que entendamos algunos principios básicos del autismo, con la finalidad de que se superen ciertos prejuicios que la población tiene respecto a ese trastorno; también indicaremos brevemente la forma como las metodologías activas pueden aportar y favorecer la formación educacional y social del autista. Nuestra cuestión fundamental es: ¿podremos perfeccionar la inclusión escolar y, en consecuencia, fortalecer los vínculos sociales del autista por medio de las metodologías activas?

¹ Doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Bolsista CAPES. E-mail: leonardonnecamargo@gmail.com.

² Discente do curso de Psicopedagogia da Uninter. E-mail: angel_suuh@hotmail.com.

Palabras-clave: Inclusión escolar. Autismo. Metodologías activas. Interacción social.

1 Introdução

Em um universo de profundas transformações sociais, com a eclosão de novos conceitos e valores que rompem com os modelos tradicionais ocidentais de pensamento e comportamento, conviver com o diferente tem se tornado um desafio constante e ameaçador para a sociedade atual, que nega e exclui aquilo que rompe e foge de padrões. Um desses desafios diz respeito à inclusão escolar do indivíduo com autismo, tema central de nosso debate ao longo desse trabalho. Outro ponto relevante, que discutiremos nessa abordagem, se refere à forma como as metodologias ativas tendem a contribuir (ou não) para o processo de socialização e adaptação do autista em ambientes escolares. Como o tema das metodologias ativas passou a figurar recentemente (pouco mais de uma década no Brasil) nos debates entre especialistas e acadêmicos, se faz necessário apresentar alguns tópicos centrais sobre o que são e como esse novo método tende a reformular os sistemas de ensino e práticas educacionais no mundo.

A aplicabilidade de uma metodologia que seja eficaz para o desenvolvimento e amadurecimento de uma criança ou adolescente durante o processo educacional é, sem dúvida, um dos maiores desafios dos professores, principalmente quando se precisa adaptar ou aperfeiçoar certas práticas e métodos para atender todos os alunos em sala de aula. A questão fundamental que se apresenta é: como desenvolver e aplicar a melhor metodologia de ensino para crianças que apresentam o transtorno do espectro autista (TEA)?

A partir dessa questão conseguimos visualizar o uso de metodologias ativas como um caminho possível para romper com as barreiras e as dificuldades que os professores encontram quando se trata de adequar uma metodologia às necessidades de crianças autistas.

2 As metodologias ativas de aprendizagem

Percebe-se um disparate na forma como as crianças e adolescentes são educadas nas salas de aulas, com o rápido desenvolvimento tecnológico e científico da sociedade como um todo. Alguns pesquisadores, como Klaus Schwab, por exemplo, afirmam que já vivemos a quarta revolução industrial, ou seja, um período histórico no qual a emergência de novas tecnologias tais como a inteligência artificial, a nanotecnologia, a biotecnologia, a Internet das coisas, os veículos inteligentes e autônomos, a impressão 3D, entre outros, tomam conta do cenário mundial e das discussões sobre como melhorar a qualidade de vida das pessoas. Nesse

contexto, podemos dizer que a forma como o ensino é transmitido, principalmente no que diz respeito às práticas educacionais e à organização prático-pedagógica, ainda está presa à primeira revolução industrial. Um exemplo clássico disso é a organização e a projeção de algumas salas de aulas, que basicamente apresentam mesas de estudos individuais, organizadas em filas; a existência de um único professor; o quadro negro e giz. Esse professor é responsável por transmitir o conteúdo, passar lição de casa, fazer correções e aplicar provas para atribuir uma nota ao aluno.

A simples transmissão de conteúdos dos professores aos alunos, sem uma metodologia capaz de verificar e comprovar a real recepção das informações transmitidas, descaracteriza e deslegitima o processo de ensino-aprendizagem, o que tornará o ambiente escolar desinteressante e cansativo. Além da dificuldade de adotar metodologias eficazes no processo de aprendizagem, também surge o desafio de integrar alunos com necessidades especiais, entre eles o autista.

No século atual, algumas práticas pedagógicas de aprendizagem procuram minimizar os problemas causados pelo desinteresse escolar por parte do aluno, adotando políticas que incluam teoria e prática. Esses modelos de organização prático-pedagógica são as metodologias ativas de aprendizagem. De acordo com Bebel (2011), essas novas metodologias precisam incentivar a autonomia do aluno, assim a função do professor também é alterada, isto é, ele “deve adotar a perspectiva do aluno, deve acolher seus pensamentos, sentimentos e ações, sempre que manifestados, e apoiar o seu desenvolvimento motivacional e capacidade para autorregular-se” (BEBEL, 2011, p. 28).

Nessas novas práticas educacionais, o professor precisa despertar os interesses pessoais dos alunos dentro do processo educacional. Precisa conhecer e explicar de maneira eficaz o referencial teórico e as atividades que serão desenvolvidas, ou seja, exige-se um grau elevado de clareza para que se mostre ao aluno que possui autonomia para desenvolver suas habilidades e que terá sempre alguém para auxiliá-lo, caso seja necessário. Desta maneira, a mera transmissão de conhecimentos e informações torna-se insuficiente nesse processo educacional. O aluno deve ter à sua disposição todos os meios possíveis para acessar as informações que quiser e o professor também precisa acompanhar o ritmo dos seus alunos, lembrando sempre que cada indivíduo possui um tempo diferente para assimilar o conteúdo. Por fim, precisa saber lidar com as frustrações de seus alunos caso não alcancem o objetivo desejado.

Por mais que seja fundamental a participação do professor nas metodologias ativas, é preciso lembrar que o protagonista dentro desse processo educacional é o próprio aluno. Por

isso, é fundamental despertar a sua autonomia e percepção a fim de lhe mostrar que ele é o sujeito da ação. Por exemplo, oferecer-lhe:

oportunidades de problematização de situações envolvidas na programação escolar, de escolha de aspectos dos conteúdos de estudo, de caminhos possíveis para o desenvolvimento de respostas ou soluções para os problemas que se apresentam, alternativas criativas para a conclusão do estudo ou da pesquisa, entre outras possibilidades (BEBEL, 2011, p. 28).

Por meio das metodologias ativas, o aluno pode explorar novas possibilidades e caminhos que o conduzem a uma nova perspectiva em relação ao conteúdo/trabalho que podem passar despercebidos pelo professor ou que mesmo não foram considerados por ele. Até aqui, podemos perceber a quantidade de benefícios que as metodologias ativas podem proporcionar para a formação do indivíduo. Além da autonomia já tratada, o aluno tende a se tornar mais cooperativo, uma vez que necessita da participação de outros sujeitos para a resolução de problemas, bem como do engajamento coletivo. A percepção da realidade em que vive também é umas dessas contribuições, pois nas metodologias ativas a teoria sempre precisa estar aliada a uma consequência prática; desse modo, o compromisso com a sociabilidade também é uma característica desenvolvida, entre outras.

Até agora falamos brevemente de alguns benefícios e habilidades desenvolvidas pelo aluno e as competências e responsabilidades do professor nesse novo modelo educacional. Mas o que são de fato as metodologias ativas? A quais metodologias nos referimos? Como utilizá-las? E, mais importante, como utilizá-las para melhorar o processo de aprendizagem e socialização do autista?

Podemos dizer que:

Aprendizagem ativa ocorre quando o aluno interage com o assunto em estudo – ouvindo, falando, perguntando, discutindo, fazendo e ensinando – sendo estimulado a construir o conhecimento ao invés de recebê-lo de forma passiva do professor. Em um ambiente de aprendizagem ativa, o professor atua como orientador, supervisor, facilitador do processo de aprendizagem, e não apenas como fonte única de informação e conhecimento (BARBOSA; MOURA, 2013, p. 55).

É evidente que esse novo modelo de ensino ocorre de acordo com as necessidades e interesses dos alunos (ROCHA; LEMOS, 2014). Paulo Freire já havia esboçado em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, seu apreço por um processo educacional para adultos que privilegiasse o modelo baseado na superação de desafios e resolução de problemas do cotidiano, além da construção de novos aprendizados baseados em experiências vividas pelos seus alunos. Por isso, é fundamental que o professor desenvolva, entre tantas outras

habilidades, a capacidade de problematizar em diferentes contextos sociais em que o estudante pode estar inserido ou vir a estar.

A seguir, mostraremos algumas possibilidades em que a metodologia ativa pode ser trabalhada. A primeira é o estudo de caso. Nessa forma de trabalho, podemos criar ou representar um fato real e, com base em conceitos trabalhados previamente, fazer com que os alunos proponham uma solução para o caso apresentado. Esse tipo de atividade faz com que o aluno se prepare na prática para possíveis dificuldades e situações que poderá encontrar em sua carreira profissional e/ou social.

Outra possibilidade é a criação de projetos, onde os alunos são estimulados a criar e desenvolver projetos capazes de aproximá-los às realidades de sua comunidade e, assim, propor soluções para diversos temas, como, por exemplo, questões ambientais e de saneamento. Para isso, é fundamental que o aluno perceba a realidade em que se encontra, dialogue com outras pessoas e alunos para entender a situação e coletar informações. É preciso que elabore, calcule e entenda os desafios e problemas daquela localidade para, depois, ser capaz de criar e propor soluções adequadas e eficazes aos problemas sociais daquela região.

[...] são atividades que redundam na produção, pelos alunos, de um relatório final que sintetize dados originais (práticos ou teóricos), colhidos por eles, no decurso de experiências, inquéritos ou entrevistas com especialistas. O projeto deve visar à solução de um problema que serve de título ao projeto (BORDENAVE; PEREIRA, 1982, p. 233).

Devemos mencionar também a pesquisa científica como possibilidade de trabalho das metodologias ativas. Esse tipo de atividade possibilita que o aluno desenvolva e conduza um projeto de seu interesse, onde precisará utilizar instrumentos técnicos — aparelhos tecnológicos ou uso de material bibliográfico dependendo do caráter da pesquisa —, e resolver um problema pré-estabelecido em seu projeto. É fundamental o planejamento e que os objetivos estejam claros, de maneira que, obviamente, o papel do professor como orientador é indispensável.

Como mencionamos, são inúmeras as possibilidades metodológicas ativas, bem como o uso de Internet e equipamentos eletrônicos em sala de aula, a fim de facilitar a interação dos alunos com os professores. Existem certos aplicativos e sites que — com o uso dos smartphones em uma plataforma digital — medem o grau de absorção e aprendizado do aluno por meio de perguntas e respostas. Por exemplo, o professor elabora uma questão no aplicativo e, após a explicação do conteúdo, pede para os alunos acessarem à plataforma e

responderem à questão proposta. Após todos responderem, o professor recebe um relatório instantâneo dos resultados e das opções assinaladas pelo estudante; assim o docente pode retomar certos pontos que não ficaram claros e explicar ou dar exemplos sobre o tema da aula. Exemplos desses aplicativos são o *Kahoot*, o *Mentimeter*, entre tantos outros. Lembrando que para certas atividades é fundamental a participação e o planejamento da escola³.

Uma vez apresentada uma parte ínfima do universo das metodologias ativas, passamos ao nosso segundo ponto de análise nesse trabalho, que é como utilizar as metodologias ativas no ensino voltado aos alunos autistas? Ou ainda, como tais metodologias tendem a contribuir para o processo de aprendizagem e socialização dos autistas?

3 O autismo e as metodologias ativas

O autismo, também conhecido como Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), é uma condição de saúde caracterizada por um déficit na comunicação social. Um transtorno de desenvolvimento infantil que normalmente se manifesta antes dos 3 anos de idade e que se prolonga por toda a vida. Segundo a ONU (Organização das Nações Unidas), cerca de 70 milhões de pessoas no mundo são acometidas por este transtorno. Podemos dizer que o autismo “caracteriza-se por um conjunto de sintomas que afeta as áreas de socialização, comunicação e do comportamento, e dentre elas, a mais comprometida é a da interação social” (SILVA, GAIATO, REVELES, 2012, p. 5). Apesar dessas limitações psicossociais, se diagnosticado precocemente, e com tratamento adequado, a criança pode desempenhar seu papel social de maneira satisfatória.

Talvez uma das dificuldades na sociedade hoje seja o acolhimento do outro, do que se mostra “diferente”. O filósofo Emmanuel Levinas resgata em seu jargão filosófico o conceito de alteridade como condição necessária da existência do ser enquanto homem, ou seja, sem a relação que o humano é capaz de estabelecer com o outro (aquele diferente de si) não existiria humanidade. Ainda de acordo com o autor “A relação com o Outro me questiona, me esvazia de mim mesmo e não cessa de me esvaziar ao descobrir em mim recursos sempre novos. Não me sabia tão rico, pois não tenho direito a me guardar nada” (1993, p.56). Percebemos que a relação do outro com o eu possibilita que este se conheça, se complete, se descubra enquanto sujeito e amplie suas possibilidades de existência. Quando nos colocamos no lugar daquele que é diferente e estamos dispostos a aceitá-lo, descobrimos o que há de mais essencial no ser humano. Quando sabemos conviver com as diferenças, como os indivíduos portadores de

³ Para aprofundar o conteúdo sugerimos a leitura do livro *Educação no século 21: tendências, ferramentas e projetos para*

TEA, abrimos um caminho de possibilidades para descobrir quem somos e ampliarmos nossa condição existencial.

Para conhecer o outro, o eu (sujeito) precisa acolhê-lo, no sentido de acolher aquilo que este outro revela ao sujeito, respeitando aquilo que é revelado. Por isso, a ética de Levinas preserva a diferença, pois o eu só pode acolher o outro quando respeita seu modo de ser, isto é, sua diferença. Quando o outro é revelado, o eu deve acolher sua manifestação em si mesmo, respeitando sua diferença e a novidade de seu modo de ser. Quando o eu se relaciona com o outro, torna-se responsável por esse outro. O rosto do outro exige responsabilidade e o fato de acolhê-lo já implica em responsabilidade, cuidado e zelo pela sua vida.

Quando pensamos em autismo, logo vem a imagem de uma criança isolada, que vive no seu próprio mundo, contida em uma bolha, que brinca de uma forma diferente das outras crianças; não gosta de barulhos altos, balança o corpo para lá e para cá, alheia a tudo e a todos. Geralmente está associada a alguém “diferente” de nós, com uma vida limitada e que não faz sentido. Mas não é bem assim; este olhar nos parece estreito demais, pois quando falamos em autismo, estamos falando de crianças, pessoas com habilidades que revelam a fragilidade de nossa existência.

Uma das dificuldades de se pensar a inclusão escolar do autista, diz respeito à forma como tentamos inserir esses indivíduos dentro de um contexto que extrapola sua realidade. Para ilustrar esse pensamento, podemos pensar em um quebra-cabeça. Nosso sistema educacional é planejado e organizado para “encaixar” todas as crianças dentro de um esquema proposto por certas pessoas, que não conhecem ou vivem a realidade de muitas dessas crianças; ou seja, por pessoas que pensam na uniformização da educação. Por isso, quando surge aquele que é diferente, o projeto político-pedagógico da escola não consegue dar conta da demanda porque essa criança foge dos padrões pré-estabelecidos; logo, ela é forçada (violentamente) a adaptar-se a esses moldes escolares.

Vimos anteriormente que quando pensamos nas metodologias ativas, é fundamental que o professor esteja preparado para assumir sua função de orientador e guia no processo educativo. Mas como adaptar essas novas metodologias para alunos portadores de autismo? Sabemos que os autistas possuem uma habilidosa capacidade de percepção dos detalhes, que superam as condições de normalidade em relação a outras crianças. Portanto, é função do professor — por meio das metodologias ativas — incentivar em sala de aula a participação de autistas, por exemplo, em situações investigativas ou em elaboração de soluções para

problemas, pois muitos não terão dificuldades em perceber detalhes e buscar informações sobre os casos apresentados. Uma atividade como soluções para situações-problema melhora a capacidade de comunicação dos autistas, ao mesmo tempo que estimula sua autonomia e liberdade para compartilhar informações com os demais colegas.

Mesmo existindo novas metodologias que facilitam a adaptação e colocam o estudante como protagonista do seu aprendizado, caso o autista se sinta desmotivado ou se sinta isolado, isso poderá acarretar consequências para o seu processo de formação educacional e social. De acordo com Giaconi e Rodrigues,

Colocar o sujeito autista em condições de desadaptação é motivo de sofrimento. Por suas características cognitivas, principalmente os processos executivos de percepção, compreensão, controle emocional, comunicação, entre outros, pelo efeito dos seus distúrbios nos processos sequenciais e nas sinestésias pela fragilidade emocional e relacional que o distingue, o aluno autista necessita de um processo progressivo de inclusão na escola, precedido por ações conscientes e miradas na adaptação (GIACONI; RODRIGUES, 2014, p. 697).

É evidente, no processo de inclusão escolar do portador de autismo, que precisamos adaptar nossos projetos político-pedagógicos antes de “jogar” aquela criança em um contexto diferente da sua realidade. Precisamos projetar e direcionar uma série de cuidados e ações que favoreceram a presença e, conseqüentemente, melhores formas de participação na escola, na sala de aula e nas atividades em grupo.

Um fator importante para a inclusão escolar do portador de TEA, que pode ser analisado e instruído pelo psicopedagogo, é o acompanhamento e participação dos pais no processo de escolarização dos seus filhos. Lemos chama a atenção para

a importância dos pais na participação da educação dessas crianças, afirmando que, quando os pais tomam para si a responsabilidade da educação de seus filhos, são capazes de promover muitos aspectos positivos na promoção da aprendizagem e do desenvolvimento das crianças (LEMOS *et al.*, 2016, p. 357).

É evidente que os benefícios das vivências escolares — tanto em termos de interações sociais quanto em relação ao desenvolvimento de habilidades cognitivas —, das crianças que têm autismo são fundamentais para o seu crescimento e amadurecimento pessoal e social. Apesar de muitos professores admitirem que há dificuldades em superar os desafios que enfrentam, quando precisam acolher e adaptar suas metodologias para incluir alunos com TEA, há também relatos de experiências bem-sucedidas com crianças autistas que frequentam escolas regulares. Estes últimos destacam que as crianças autistas têm apresentado bons resultados em relação à apropriação de conhecimentos veiculados na escola.

Frente ao que foi discutido até aqui, como compreender o universo vivenciado pelo autista e como incluí-lo na metodologia de ensino do professor? De acordo Mendes,

para atender a criança autista, são necessários métodos e técnicas adaptadas para que a inclusão aconteça. Um planejamento sistematizado em que as brincadeiras e jogos sejam aplicados constantemente ajudando os alunos autistas a reconhecerem o mundo ao seu redor que favoreça a interação entre os pares” (MENDES, 2015, p. 44).

Nesse ponto fundamental, as metodologias ativas tendem a contribuir substancialmente para a formação da criança autista.

4 Considerações finais

Duas realidades diversas se apresentam em nosso trabalho; uma diz respeito à adoção de novas metodologias que tendem a revolucionar o sistema de aprendizado no mundo; outra realidade diz respeito às dificuldades que os sistemas educacionais enfrentam quando precisam tratar e acolher o indivíduo com autismo.

Sobre a primeira é preciso mencionar que existem pontos fortes nesses modelos, pois favorecem e incentivam que o aluno assuma sua posição de protagonista no universo acadêmico. Tais práticas pedagógicas estimulam o estudante a ver a realidade e observar os fatos de uma maneira que extrapola os ideais da “escola antiga”, baseada simplesmente na transmissão de informações do professor ao aluno. Permitem desenvolver habilidades e características como liberdade, tolerância, responsabilidade, cidadania, espírito crítico e colaborativo, entre outras. Aparentemente estamos tratando de um modelo de escola de qualidade, mas voltando à realidade, principalmente a brasileira, vemos que esses projetos não passam de um sonho utópico para alguns e uma realidade para outros. O que significa dizer que, no sistema educacional brasileiro, temos problemas básicos de infraestrutura, falta de equipamentos e suprimentos para professores e alunos; temos problemas graves de evasão escolar, dificuldades de apoio político — que, com suas ações procuram sucatear a educação —, falta de profissionais da educação com salários justos e estabilidade no trabalho, entre outros. Isso se ficarmos presos somente no espaço escolar, fato impossível de ser analisado, pois o processo educacional começa no ambiente familiar e se complementa na escola. Portanto, temos crianças e adolescentes em situações socioeconômicas precárias, sem qualquer apoio institucional. Sendo assim, quando falamos de um novo modelo educacional — que, aliado ao desenvolvimento tecnológico e científico estimula o aluno a ser um indivíduo autônomo —, será que não estamos aumentando a desigualdade social e

favorecendo um grupo de pessoas que tem acesso a esse tipo de educação em detrimento de outras? Precisamos lembrar que a implantação de boa parte dos projetos das metodologias ativas requer uma estrutura adequada e um investimento financeiro considerável, portanto, como se implantará esse modelo educacional em regiões periféricas, afastadas das grandes cidades?

Sobre o segundo ponto, que pode ser aliado ao primeiro, nos modelos e no planejamento educacional atual há uma dificuldade enorme em conciliar e adaptar os projetos políticos pedagógicos das escolas para acolher crianças que possuem alguma dificuldade, como os autistas por exemplo. Ao instaurar novas metodologias ao invés de acolher e inserir socialmente os autistas, não os iremos excluir e isolar ainda mais da sociedade? Em outras palavras, o autista tem o tempo adequado para assimilar e aprender certos conteúdos? Teremos profissionais preparados para dar esse tempo a eles e escolas adequadas para transmitir o conteúdo de maneira que o autista se sinta como alguém importante e pertencente àquele grupo social?

Por fim, precisamos levar em conta a eclosão das metodologias ativas no cenário brasileiro. Infelizmente não temos ainda uma resposta clara sobre como tais modelos incluem de fato pessoas com necessidades especiais no processo educacional. Há caminhos possíveis para melhorar a educação e transmiti-la com qualidade, porém, no cenário brasileiro ainda falta diálogo entre o poder público e a comunidade escolar.

Referências

BARBOSA, Eduardo Fernandes; MOURA, Dácio Guimarães de. Metodologias ativas de aprendizagem na Educação Profissional e Tecnológica. **B. Tec. SENAC**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 2, p. 48-67, 2013.

BEBEL, Neusi Aparecida Navas. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.

BORDENAVE, J. D.; PEREIRA, A. M. **Estratégias de ensino-aprendizagem**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIACONI, Catia; RODRIGUES, Maria Beatriz. Organização do espaço e do tempo na inclusão de sujeitos com autismo. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 687-705, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S2175-62362014000300004>.

LEMOS, Emellyne Lima de Medeiros Dias *et al.* Concepções de pais e professores sobre a inclusão de crianças autistas. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 3, p. 351-361, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-0292/1229>.

LEVINAS, Emmanuel. **Humanismo do outro homem**. Tradução: Pergentino Stefano Pivatto. Petrópolis: Vozes, 1993.

MENDES, Maria Aline Silva. **A importância da ludicidade no desenvolvimento de crianças autistas**. 2015. 55 f. Monografia (Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

PLANET, Young Digital. **Educação no século 21**: tendências, ferramentas e projetos para inspirar. Tradução: Danielle Mendes Sales. São Paulo: Fundação Santillana, 2016.

ROCHA, Henrique Martins; LEMOS, Washington de Macedo. Metodologias ativas: do que estamos falando? base conceitual e relato de pesquisa em andamento. *In*: SIMPED – SIMPÓSIO PEDAGÓGICO E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO, 9, 2014. Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/265291831_METODOLOGIAS_ATIVAS_DO_QU_E_ESTAMOS_FALANDO_BASE_CONCEITUAL_E_RELATO_DE_PESQUISA_EM_ANDAMENTO. Acesso em: 22 fev. 2020.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa; GAIATO, Mayra Bonifácio; REVELES, Leandro Thadeu. **Mundo singular**: entenda o autismo. Rio de Janeiro: Fontanar, 2012.